

Fala do Mérito Cultural

A arte, é antes de tudo, uma necessidade do ser humano. Como a água, o sexo, o amor.

A arte, em todas as suas formas de expressão, é o espelho de um povo.

Não é um objeto de sedução nem insulto, apenas reflete e devolve ao povo a sua própria imagem.

É nessas imagens que ele se vê de corpo inteiro, se molda, se ajusta, se encontra e forja a sua alma, com suas grandezas e mazelas, com a infinita beleza do seu andar sofrido e a desmesura de suas despropositadas alegrias.

Nesse espelho fragmentado, embaçado, sujo de tintas embaralhadas, sílabas balbuciadas, notas que ricocheteiam ao vento – ele se compreende. E se faz povo.

Aprende o que é, e sente, e faz.

Um povo, sem suas estórias, não tem história, é um povo sem memória: e o futuro, nesses descaminhos do tempo, não existe sem a presença viva do passado.

Não há neto sem avô.

A cultura, como qualquer boa mercadoria, se importa, e se digere como qualquer boa farinha – por isso ela é universal e uma fraterna estrada entre os povos. Mas vira veneno, quando diz o que devemos ser, qual o desenho de nosso rosto, a grossura de nossos lábios, o

que devemos pensar e o que devemos cantar. Só no nosso quintal, à luz da nossa lua, queimados por nosso sol, podemos aprender o que queremos ser. E ter orgulho de nosso próprio nariz, tenha ele a forma que tiver.

Um povo, qualquer povo, não pode abrir mão de ser livre, dar a outros o cinzel que o esculpe.

Sem sua própria imagem, o povo não é um povo, não tem Eu: é apenas um número, numa cela escura.

A arte de um povo é isso.

Contar, cantar, pintar, dançar suas alegrias, desejos, delírios. Mas sem medo de por a nu suas cicatrizes, misérias e fracassos – que uma história verdadeira não vive apenas de flores e amor – e uma história assim, só pode ser contada por quem a vive.

Quem caça ursos não sabe da emoção do plantador de milho.

Sem o espelho da arte, da sua arte, o povo desaparece, se extravia, dizem-lhe o que ele é, o que não é, o que deve beber, comer, do que deve rir, a que horas acordar, o que deve sonhar... e nos tornamos, todos, pasto dos abutres.

Daqui e dalém mar.

Faz este ano exatos 50 anos que pisei pela primeira vez no Brasil, e não por acaso.

E fiquei.

Se escolhi o Brasil como minha pátria e mátria cultural, se escolhi o Brasil como terra de meus amores, como terra de meus desejos, terra do meu futuro – foi por que à sombra do meu imaginário, meu e de toda uma geração de moçambicanos marcada pelo estigma do fascismo – o Brasil não era a terra prometida (já então não eramos tão ingênuos!) mas um possível espaço de construção da liberdade

que nos era negada. Terra que tinha o mesmo cheiro de manga e o mesmo sabor de mandioca da nossa infância; terra com a mesma pele negra de minha mãe Rosa, com quem aprendi as primeiras palavras, mesclando xangane e português, e que me marcou de sotaques vida afora; terra que conhecíamos de lés a lés, de trás para diante, lá, perdidos na costa africana do Índico; uma terra trazida, sem tradução, nas vozes de Portinari, Ari Barroso, Bandeira, Jorge Amado, Caimmy, Lins do Rego, Lobato e tantos mais. Vozes de pés no chão e palavras lúcidas, inquebrantáveis na busca de uma generosa utopia igualitária. Vozes que me levaram a perseguir o rumo dessa paixão maldita, teimosamente viva na vigília de todos os que sonham.

É da natureza do artista – como o escorpião – cumprir seu destino, ainda que muitas vezes inglório e amargo.

Mas, não se iludam!, é também da natureza do artista a indignação, a revolta, o inconformismo, a busca incessante, nos territórios da dor e da alegria, da imagem, do gesto, do som, da palavra certa, transformadora.

Por isso, e para isso, ele é.

Com um hipotético copo de cachaça, que já deu de beber ao santo, saúdo todos os que sabem, e fazem desse saber um ato de fé, que a mão do poeta é igual à mão do sapateiro, e que sapato e poema, objeto e imagem, só existem, por que são a mesma coisa.

Sem um, o outro morre.

Brindo à vida!

Ruy Guerra

Rio, 7 de Outubro de 2008